

BREVES  
VIDA CRISTÃ



# Respirar com a Sagrada Escritura

"Entendes o que lês?"

"Um coração aquecido  
pela Palavra"



Guillaume Derville

# RESPIRAR COM A SAGRADA ESCRITURA

*[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)*

# Índice

- “Entendes o que lês?”: respirar com a Sagrada Escritura (1)
- Um coração aquecido pela Palavra: respirar com a Sagrada Escritura (2)

## “Entendes o que lês?”: respirar com a Sagrada Escritura (1)

Ao relatar os primeiros compassos da expansão da jovem Igreja a partir de Jerusalém, São Lucas nos introduz na carruagem de um funcionário etíope, encarregado da administração do patrimônio do reino de Nubia, ao sul do Egito, que havia ido a Jerusalém para adorar ao Deus de Israel (cfr. *At 8, 27-28*). Já de regresso à sua terra, esse peregrino lia Isaías, mas sem entender o texto do profeta. Deus então move o diácono Filipe para que intervenha (cfr. *At 8, 26.29*): “Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías e perguntou: ‘Tu compreendes o que estás lendo?’ O eunuco respondeu: ‘Como poderia, se ninguém me orienta?’ Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto dele” (*At 8, 30-31*). O superintendente do tesouro da rainha da Etiópia se havia detido naquelas palavras proféticas: “Como cordeiro levado ao matadouro... (*Is 53, 7-8*). Então Filipe começou a falar e, partindo dessa passagem da Escritura, anunciou-lhe Jesus” (*At 8, 35*) e, após batizá-lo em uma fonte ao longo do caminho, lhe confiou à ação misteriosa do Espírito Santo, que lhe havia trazido até essa alma “sedenta de Deus, do Deus vivo” (*Sl 42 [41],3*).

Nessa conversa, comenta São Jerônimo em uma carta. Filipe apresenta a seu interlocutor a “Jesus que estava oculto e como que aprisionado nas letras”<sup>[1]</sup>. Servindo-se da guia e das explicações dos fiéis, a Escritura atua poderosamente, como uma “espada de dois gumes” (*Hb 4,12*), na alma de quem se aproxima dela. Filipe revela, liberta a figura do Senhor diante dos olhos de quem não entendia nada. Também nós, escreve o Papa Francisco em sua carta apostólica *Misericordia et misera*, estamos chamados a “ser instrumentos vivos da transmissão da Palavra”<sup>[2]</sup>, de modo que sejam muitos os homens e mulheres que percebam “a atração de Jesus Cristo”<sup>[3]</sup>.

### **A Tradição, olhar de fé**

No mundo hebreu, a Sagrada Escritura tinha um papel de importância primária: o culto nas sinagogas, que alimentava a piedade dos judeus durante o ano, girava em torno da leitura da *Torah* e dos profetas e a recitação cantada dos Salmos<sup>[4]</sup>. Contudo, as Escrituras de Israel eram transcrição de uma tradição oral: os autores inspirados puseram por escrito ensinamentos de patriarcas e profetas. E esta tradição não só precedia às Escrituras, como acompanhavam a sua leitura, como um olhar penetrante pelo qual os justos – aqueles que buscam o Senhor<sup>[5]</sup> – podiam reconhecer, ou ao menos vislumbrar, o seu sentido.

Assim acontece também na Igreja, novo povo de Israel: a Tradição precede à Escritura, começando pelo próprio fato de que é a Igreja quem nos diz quais são as Escrituras sagradas<sup>[6]</sup>. “Não acreditaria no Evangelho – escrevia Santo Agostinho – se não me movesse a isso a autoridade da Igreja católica”<sup>[7]</sup>. Nesse sentido, é célebre um momento dos trabalhos do Concílio de Trento. O diário de um dos presentes conta como não se considerou oportuno, em uma das sessões, a opinião de que o Evangelho segundo São João fosse digno de fé por ser São João

seu autor: o Evangelho é digno de fé, concluiu-se, porque a Igreja o recebeu<sup>[8]</sup>. Mas o papel da Tradição não se limita a essa tarefa de definição do cânone, mas a um constante discernimento, no qual a Igreja conta com a luz do Espírito Santo. “Tenho ainda muitas coisas a vos dizer, mas não sois capazes de compreender agora. Quando ele vier, o Espírito da Verdade, vos guiará em toda a verdade” (Jo 16,12-13).

Portanto, a Tradição é inseparável da Escritura, assim como o olhar é inseparável do que se vê. Há olhares que veem certas coisas, e outros que não: diante de um edifício, por exemplo, um arquiteto vê detalhes que a outros lhes passam despercebidos; ante um pequeno acontecimento que a muitos lhes parece comum, o poeta ou o artista se comovem. A Tradição é o olhar para a Escritura a partir da fé da Igreja: um olhar vivo, porque está guiado pelo Espírito Santo, um olhar certo, porque só do seio da Igreja se pode compreender a Palavra de Deus, em seu verdadeiro alcance. Como Jesus fazia com os discípulos a caminho de Emaús, o Espírito Santo faz arder o coração da Igreja, e de cada cristão, enquanto nos explica as Escrituras (cfr. *Lc* 24, 32). A Palavra de Deus é uma Palavra que atravessa os séculos – “Passarão o céu e a terra, mas minhas palavras não passarão” (*Mt* 24,35) –, e precisa de um leitor que também atravesse os séculos: o Povo de Deus que caminha na história. Por isso, ao final das contas, São Hilário dizia que “a Sagrada Escritura está mais no coração da Igreja que na materialidade dos livros escritos”<sup>[9]</sup>.

### **Uma leitura que escuta**

“Através da Sagrada Escritura, mantida viva pela fé da Igreja, o Senhor continua a falar à sua Esposa, indicando-lhe as sendas a percorrer para que o Evangelho da salvação chegue a todos”<sup>[10]</sup>. O anúncio da Palavra de Deus recebe uma força particular quando é lida na assembleia litúrgica. Impressiona a narração, cheia de detalhes, da solene leitura da *Torah* por parte de Esdras, o escriba (cfr. *Ne* 8,1-12). Nesse momento, a maior parte do povo retornou da Babilônia, e recebe a Palavra de Deus com uma emoção contida durante décadas de exílio: “Como cantar os cânticos do Senhor em terra estrangeira? Se eu te esquecer, Jerusalém – diziam os exilados –, fique paralisada a minha mão direita; minha língua fique colada ao paladar se eu perder tua lembrança” (*Sl* 137 [136], 4-6). Com essa disposição, e ao ouvir de novo a Lei de Deus, a multidão chora, porque percebem a distância entre a sua vida e os mandamentos do Senhor. Mas Esdras, que lê, e os levitas, dizem a todos: “Este é um dia consagrado ao Senhor, vosso Deus! Não lamenteis nem choreis” (*Ne* 8, 9).

Jesus Cristo lerá na sinagoga de Nazaré o profeta Isaías, que anuncia sua chegada: “O Espírito do Senhor está sobre mim (...); enviou-me para proclamar a libertação aos presos” (*Lc* 4,18). Ao longo de vinte séculos, a Escritura continua falando do presente e ao presente, como dessa vez em Nazaré: “Hoje se cumpriu esta passagem da Escritura que acabastes de ouvir” (*Lc* 4,21; cfr. *Is* 61,1). Todos os dias, e especialmente todos os domingos, “a Palavra de Deus é proclamada na comunidade cristã, para que o Dia do Senhor seja iluminado pela luz que dimana do mistério pascal (...). Deus fala-nos ainda hoje como a amigos, ‘convive’ conosco, oferecendo-nos a sua companhia e mostrando-nos a senda da vida. A sua Palavra faz-se intérprete dos nossos pedidos e preocupações e, simultaneamente, resposta fecunda para podermos experimentar concretamente a sua proximidade”<sup>[11]</sup>.

Quando essa convicção é forte, procuramos prestar atenção com esmero na Liturgia da Palavra da Santa Missa. Falando do modo de proclamar a Palavra de Deus, São Josemaria dava orientações cheias de senso comum e de amor de Deus a seus filhos sacerdotes. Animava-os a ler “dando sentido”, o que não significa “fazê-lo enfaticamente, nem declamando, mas marcando bem as pausas necessárias, como quando se lê um texto para três ou quatro pessoas que estão escutando. Por isso convirá que façais um pouco de exercício lendo uma carta, um Evangelho, um prefácio...”<sup>[12]</sup>. São conselhos também para todos os que intervêm na liturgia da Palavra, porque a Escritura pede essas atenções da parte de todos: não se lê, portanto, como se tratasse de um texto alheio, ou de uma simples informação a transmitir, mas a partir de um coração aquecido pelo carinho, pela escuta atenta, pela fome de se saciar de toda palavra que procede da boca de Deus (*Mt 4,4*; cfr. *Dt 8, 3*). Por isso, “o “*Sursum corda*”, que é uma fórmula antiquíssima da Liturgia, deveria ser já antes do Prefácio, antes da Liturgia, o “caminho” do nosso falar e pensar. Devemos elevar ao Senhor o nosso coração, não só como uma resposta ritual, mas como expressão do que acontece neste coração, que se eleva e, na elevação, atrai também os outros”<sup>[13]</sup>.

### **Para compreender a Escritura**

“A Bíblia é a grande história que relata as maravilhas da misericórdia de Deus. Nela, cada página está imbuída do amor do Pai, que, desde a criação, quis imprimir no universo os sinais do seu amor”<sup>[14]</sup>. A Escritura suscita um pensamento vivo e pessoal, cheio de admiração; não anula nossa inteligência, mas a solicita e ilumina: “Lâmpada para meus passos é tua palavra e luz no meu caminho” (*Sl 119 [118],105*). Ela dá ao mundo e às coisas sua verdadeira dimensão, equilibrando a miopia com a qual o pecado turva a realidade. A Palavra de Deus “Penetra até dividir alma e espírito, articulações e medulas. Julga os pensamentos e as intenções do coração” (*Hb 4,12*). Por isso, quem conhece e medita a Bíblia, mesmo que só tenha com uma modesta preparação acadêmica, tem a sabedoria que outros talvez não encontrem em seus estudos. “Eu vim a este mundo para um julgamento, a fim de que os que não veem vejam, e os que veem se tornem cegos” (*Jo 9, 39*).

Os acontecimentos narrados na Bíblia têm, a partir da fé, um sentido que transcende a categoria dos simples fatos históricos: através das ações e vicissitudes do Povo de Deus, trata-se sobretudo do que o Senhor age no povo e pelo povo; nossa Mãe o expressa com nitidez: “o Poderoso fez para mim coisas grandiosas. O seu nome é Santo” (*Lc 1, 49*). Também os acontecimentos da história do mundo, e da nossa história pessoal, encontram luz na Escritura: “Não há criatura que possa ocultar-se diante dela. Tudo está nu e descoberto aos olhos daquele a quem devemos prestar contas” (*Hb 4,13*). A Palavra de Deus envolve e ilumina nossa vida; por isso a oração e o apostolado encontram nela seu meio natural.

No entanto, nem sempre o meio natural é o de acesso mais simples: mesmo que Deus tenha nos criado para viver com Ele, “o caminho que conduz à vida” é estreito (cfr. *Mt 7,14*). Não nos deveria estranhar que às vezes algumas passagens da Escritura possam nos resultar obscuras ou difíceis. Bento XVI contava em uma ocasião que um amigo seu, “depois de ter ouvido pregações com longas reflexões antropológicas para alcançar juntos o Evangelho, dizia: mas não me interessam

estas aproximações, eu gostaria de compreender o que diz o Evangelho!” E o Papa acrescentava: “Parece-me que muitas vezes, em vez de longos caminhos de aproximação, seria melhor dizer: não gostamos deste Evangelho, somos contrários ao que diz o Senhor! Mas que significa isto? Se digo sinceramente que à primeira vista não concordo, já temos a atenção: vê-se que eu gostaria, como homem de hoje, de compreender o que diz o Senhor. Assim podemos entrar, sem longos circuitos, no vivo da Palavra”<sup>[15]</sup>.

Se, como sustentam os neurologistas, utilizamos apenas uma pequena porcentagem das capacidades de nosso cérebro, pode-se dizer analogicamente que a Escritura está dotada de uma riqueza e uma profundidade inesgotáveis: “Eu vi limites em tudo o que é perfeito mas teu mandamento não tem confins” (Sl 119 [118],96). Por isso, já os Padres da Igreja diferenciavam vários sentidos em um mesmo texto. Mais tarde, na época medieval, desenvolveu-se e se consolidou a doutrina dos quatro sentidos da Escritura: literal, alegórico, moral e anagógico. O sentido literal, fundamento de todos os outros<sup>[16]</sup>, não se reduz ao significado direto que as palavras têm para o leitor: é necessário compreendê-lo no contexto da época em que foi escrito para evitar leituras aparentemente fiéis, mas distorcidas. Ao mesmo tempo, a articulação desse sentido com os outros requer, com frequência, a orientação de um leitor especializado, com o conhecimento que o estudo dá. Por isso, são muito úteis, e às vezes imprescindíveis, as edições da Escritura que contam com boas introduções e notas de comentários, assim como outros livros de teologia bíblica e de comentário da Bíblia. Os índices de citações da Sagrada Escritura que se recolhem ao final de muitos desses livros, e em particular no Catecismo da Igreja Católica, permitem aproximar-se de diversas passagens com maior profundidade<sup>[17]</sup>.

Na Sagrada Escritura, nenhum texto pode se isolar do conjunto, que tem sua unidade no Verbo de Deus. “Com efeito, por muito diferentes que sejam os livros que a compõem, a Escritura é una, em razão da unidade do desígnio de Deus, de que Jesus Cristo é o centro e o coração, aberto desde a sua Páscoa”<sup>[18]</sup>. Por isso, se lê o Novo Testamento à luz do Antigo, e este tendo a Cristo como chave de interpretação, segundo a famosa fórmula de Santo Agostinho: o Novo está escondido no Antigo, e o Antigo se manifesta no Novo; *Novum in Vetere latet et in Novo Vetus patet*<sup>[19]</sup>. São Tomás de Aquino escreve que o coração de Jesus “estava fechado antes da Paixão, porque a Escritura estava cheia de obscuridades. Mas a Escritura ficou aberta depois da Paixão e assim, aqueles que desde então a consideram com inteligência, discernem o modo como as profecias devem ser interpretadas”<sup>[20]</sup>. Por isso, quando o Ressuscitado aparece aos discípulos, São Lucas escreve que “ele abriu a inteligência dos discípulos para entenderem as Escrituras” (Lc 24, 45). Assim faz Jesus também conosco, quando deixamos que nos acompanhe no caminho de nossa vida, por nossa escuta atenta, por nossa busca sincera. Conduzidos pelos santos, e por tantos irmãos na fé, encontramos na Escritura “a voz, os gestos e a figura amabilíssima do nosso Jesus”<sup>[21]</sup>.

*Texto: Guillaume Derville*

---

<sup>[1]</sup> São Jerônimo, *Epist.* 53, 5 (PL 22, 544).

[2] Francisco, Carta ap. *Misericordia et misera*, 20-XI-2016, 7.

[3] São Josemaria, notas de uma meditação, 1-IV-1962, em *Em diálogo com o Senhor*, 46 (AGP, biblioteca, P09).

[4] A *Torah* (em hebraico, “instrução, ensinamento, lei”) é o coração da Bíblia Hebraica, e está composta pelos livros do Pentateuco (em grego, “cinco estojos”): *Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio*.

[5] Trata-se de uma expressão repetida pelos salmos; cfr., por exemplo, *Sl* 9,11; 40 [39],17; 70 [69],5.

[6] Cfr. Concílio de Trento, Sessão IV (8-IV-1546), DS 1501-1504.

[7] Santo Agostinho, *Contra epistulam Manichaei quam vocant fundamenti*, 5, 6 (PL 42, 176), citado em *Catecismo da Igreja Católica*, 119.

[8] “*Ait enim Cavensis episcopus: Evangelio Ioannis non credo, quia ab ecclesia sit receptum, sed quia Ioannis est. Cui hoc esse haereticum responsum est*”: Concílio de Trento, *Diariorum, Actorum, Epistularum, Tractatum nova Collectio*, Herder, Friburgo 1901, vol. 1, 480.

[9] São Hilário de Poitiers, *Liber ad Constantium Imperatorem*, 9 (PL 10, 570).

[10] Francisco, *Misericordia et misera*, 7.

[11] Francisco, *Misericordia et misera*, 6.

[12] São Josemaria, Notas de uma reunião familiar, 12-II-1956, em *Crônica*, II-1993, 195s. (AGP, Biblioteca, P01).

[13] Bento XVI, Discurso, 31-VIII-2006.

[14] Francisco, *Misericordia et misera*, 7.

[15] Bento XVI, *Discurso*, 26-II-2009.

[16] Santo Tomás de Aquino, *Summa Theologiae*, I, q. 1, a. 10, ad 1.

[17] Por outro lado, segundo a voz autorizada de quem coordenou os trabalhos de elaboração do Catecismo, os nn. 101-104 constituem uma breve suma metodológica para uma autêntica leitura teológica da Escritura. Cf. J. Ratzinger, *O Catecismo da Igreja Católica está à altura de sua época? Meditações dez anos depois de sua promulgação*, em *Caminhos de Jesus Cristo*, Ediciones cristiandad, Madrid 2004, p. 144.

[18] *Catecismo da Igreja Católica*, 112 (cfr. cfr. *Lc* 24,25-27.44-46; Concílio Vaticano II, Const. *Dei Verbum*, 12).

[19] Santo Agostinho, *Quaestiones in Heptateuchum*, 2, 73 (PL 34, 623).

[20] Santo Tomás de Aquino, *Expositio in Psalmos* 21, 11 (citado em *Catecismo da Igreja Católica*, 112).

<sup>[21]</sup> Javier Echevarría, “Introdução” a *Enquanto nos falava pelo caminho*, 17 (AGP, biblioteca, P18).

[Voltar ao índice](#)

## Um coração aquecido pela Palavra: respirar com a Sagrada Escritura (2)

Os Evangelhos deixam entrever a frequência com que o Senhor se referia à Sagrada Escritura em sua pregação. Em uma ocasião está falando claramente acerca de sua divindade, de seu ser uno com o Pai (cfr. *Jo* 5,19 ss). Seus interlocutores escutam perplexos, e inclusive escandalizados, e Ele lhes diz: “Examinai as Escrituras, pensando ter nelas a vida eterna, e são elas que dão testemunho de mim”. (*Jo* 5, 39). A doutrina que ouviam dos lábios de Jesus lhes parecia um desafio a seu zelo por proteger a fé de seus pais, porque ainda deviam se elevar a uma inteligência maior; deviam se preparar para receber, do próprio Deus, “toda a verdade”, (*Jo* 16,13): a verdade viva, a verdade em Pessoa, que é Jesus Cristo. Por isso, a Igreja anima a todos os cristãos a aprofundar, cada vez mais, na “sublime ciência de Jesus Cristo» (*Fil* 3, 8) com a leitura frequente das divinas Escrituras”<sup>[1]</sup>.

O Prelado do Opus Dei nos convida a centrar uma vez mais o olhar na “Pessoa de Jesus Cristo, a quem devemos conhecer, tratar e amar”<sup>[2]</sup>. E como, no dizer de São Jerônimo, “o desconhecimento das Escrituras é desconhecimento de Cristo”<sup>[3]</sup>, a Sagrada Escritura só pode tomar mais importância conforme avançamos em nosso caminho cristão, até o ponto de que “respiremos com o Evangelho, com a Palavra de Deus”<sup>[4]</sup>. Se a Sagrada Escritura é “a alma de toda a teologia”<sup>[5]</sup>, também está chamada a estar no centro do nosso pensamento e da nossa vida. De um modo gráfico, o santo Padre apresentava neste sentido umas perguntas que dão o que pensar: “O que aconteceria se tratássemos a Bíblia como tratamos o nosso celular? Se a trouxéssemos sempre conosco, ou pelo menos o pequeno Evangelho de bolso, o que aconteceria? Se voltássemos atrás quando o esquecemos: te esqueces do celular – oh, não o tenho, volto atrás para o procurar; se a abríssimos várias vezes por dia; se lêssemos as mensagens de Deus contidas na Bíblia como lemos as mensagens do celular, o que aconteceria?”<sup>[6]</sup>.

### Da Escritura à vida

Escrevendo a Timóteo, que estava à frente da Igreja de Éfeso, São Paulo lhe recorda: “Desde criança conheces as Escrituras Sagradas. Elas têm o poder de te comunicar a sabedoria que conduz à salvação pela fé no Cristo Jesus. Toda Escritura é inspirada por Deus e é útil para ensinar, para argumentar, para corrigir, para educar conforme a justiça. Assim, a pessoa que é de Deus estará capacitada e bem preparada para toda boa obra.” (*2 Tm* 3,15–17). O Apóstolo diz literalmente, se atendemos ao texto grego, que o homem de Deus – quem vive de sua Palavra – está “equipado” para atuar: já tem o verdadeiramente necessário para sua vida de apóstolo. Mas rotundamente diz o salmista, na extensa meditação sobre a Palavra de Deus que é o salmo 119: “Para mim vale mais a lei da tua boca que milhões em ouro e em prata” (*Sl* 119 [118], 72).

Jesus nos chama a identificar-nos com Ele, a viver n'Ele. E nos espera, como dizia com frequência São Josemaria, no “Pão e na Palavra”<sup>[7]</sup>: em sua presença silenciosa e eficaz na Eucaristia e no diálogo, sempre aberto por parte de Deus, da oração. Esse diálogo, mesmo quando discorre sobre mil coisas de nossa vida cotidiana, encontra seu núcleo mais íntimo na Escritura. Assim seria a oração de Jesus: profundamente enraizada na Palavra de Deus. E assim também está chamada a ser a nossa, “Quando abrires o Santo Evangelho, pensa que não só deves saber, mas viver o que ali se narra: obras e ditos de Cristo. Tudo, cada ponto que se relata, foi registrado, detalhe por detalhe, para que o encarnes nas circunstâncias concretas da tua existência. – O Senhor chamou-nos, a nós católicos, para que O seguíssemos de perto; e, nesse Texto Santo, encontras a Vida de Jesus; mas, além disso, deves encontrar a tua própria vida. Aprenderás a perguntar tu também, como o Apóstolo, cheio de amor: “Senhor, que queres que eu faça?...” — A Vontade de Deus!, ouvirás na tua alma de modo terminante. Pois bem, pega no Evangelho diariamente, e lê-o e vive-o como norma concreta. – Assim procederam os santos”<sup>[8]</sup>.

“*Viva lectio est vita bonorum*”<sup>[9]</sup>, dizia São Gregório Magno: a vida dos santos é uma leitura viva da Escritura: uma leitura encarnada, transformada em gestos, palavras, obras. Se os Padres da Igreja diziam que, com a Encarnação, o Verbo de Deus se havia **abreviado**<sup>[10]</sup>, também nas vidas dos santos se abrevia Jesus: a Palavra de Deus se faz pequena, para depois estender-se pelo mundo por meio de suas obras e palavras. À medida que as gerações de cristãos se sucedem na história, “O dia transmite ao dia a mensagem e a noite conta a notícia a outra noite (...), por toda a terra difundiu-se a sua voz e aos confins do mundo chegou a sua palavra” (Sl 19 [18], 3.5).

Não é uma causalidade, considerava Bento XVI, “as grandes espiritualidades, que marcaram a história da Igreja, nasceram de uma explícita referência à Escritura”<sup>[11]</sup>: o vigor dessas ramas da grande árvore da Igreja se deriva da “força do Espírito de Deus” (Rm 15,19), que “sonda tudo, mesmo as profundezas de Deus.” (1 Cor 2,10). Também assim acontece com as conversões pessoais, e tantas vidas de profunda e ordinária santidade que passam ocultas à história, mas que atuam poderosamente sobre ela, de modos que só Deus conhece: “A Igreja está cheia de santos escondidos!”<sup>[12]</sup>. Alimentam-se, todos eles, da Escritura: porque mais ainda que de pão, o homem vive “de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4,4).

### **Mais ricos de suas palavras**

Para que a Palavra de Deus se converta em alimento de nossas almas, necessitamos desenvolver uma atitude de escuta, inclusive quando ainda não compreendemos bem o que Deus quer dizer. Possivelmente ao princípio os apóstolos entenderam pouco o discurso eucarístico do Senhor em Cafarnaum; mas São Pedro lhe disse, de parte de todos –também de nossa parte – : “A quem iremos, Senhor? Tu tens palavras de vida eterna” (Jo 6, 68). Tampouco a Virgem entendia sempre tudo o que Jesus fazia e dizia, mas escutava e meditava com calma: “guardava todas essas coisas em seu coração” (Lc 2, 52).

“Todos nós podemos melhorar um pouco neste aspecto – comenta o Papa Francisco –, tornando-nos todos mais ouvintes da Palavra de Deus, para sermos

menos ricos com as nossas palavras e mais ricos com as suas Palavras. Penso no sacerdote, que tem a tarefa de pregar. Como pode pregar, se antes não abriu o seu coração, não ouviu no silêncio a Palavra de Deus? (...) Penso no pai e na mãe, que são os primeiros educadores: como podem educar, se a sua consciência não for iluminada pela Palavra de Deus, se o seu modo de pensar e de agir não se deixar orientar pela Palavra? (...) E penso nos catequistas, em todos os educadores: se o seu coração não for aquecido pela Palavra, como podem sensibilizar os corações dos outros, das crianças, dos jovens e dos adultos? Não é suficiente ler as Sagradas Escrituras, mas é preciso ouvir Jesus que fala através delas”<sup>[13]</sup>. Se procuramos crescer sempre nesta atitude de escuta, que se nutre também do estudo e da leitura espiritual, poderemos dizer cada vez mais com o profeta Jeremias: “Bastava descobrir tuas palavras e eu já as devorava, tuas palavras para mim são prazer e alegria do coração”(Jr 15,16).

A leitura e meditação da Escritura requer tempo e calma. “Na presença de Deus, numa leitura tranquila do texto, é bom perguntar-se, por exemplo: ‘Senhor, a mim que me diz este texto? Com esta mensagem, que quereis mudar na minha vida? Que é que me dá fastídio neste texto? Porque é que isto não me interessa?’; ou então: ‘De que gosto? Em que me estimula esta Palavra? Que me atrai? E por que me atrai?’”<sup>[14]</sup>. Ao escutar uma palestra, uma aula, uma homilia, as pessoas agradecem que se cite a Escritura, se se procura que estas referências não sejam algo ornamental, ou um mero pretexto para falar de um tema: trata-se de que a Palavra de Deus fundamente e ilumine o que se diz, e de que o texto sagrado esteja revestido pelo calor de quem o estudou e meditou, com a cabeça e o coração.

Também é necessário escutar os silêncios de Jesus. “Sabemos pelos Evangelhos – escreveu recentemente o Papa emérito Bento XVI – que Jesus frequentemente passava noites só ‘na montanha’ em oração, em conversa com seu Pai. Sabemos que o que Jesus dizia, sua palavra, provém do silêncio e só podia amadurecer ali. Por isso, é lógico que sua palavra só se pode entender corretamente se também nós entramos em seu silêncio: se aprendemos a ouvi-lo com base em seu silêncio. Certamente, para interpretar as palavras de Jesus, é necessário o conhecimento histórico, que nos ensina a entender o tempo e a linguagem desse momento. Mas isso por si só não é suficiente se queremos entender em profundidade a mensagem do Senhor. Quem hoje lê os comentários sobre os Evangelhos, cada vez mais extensos, fica decepcionado no final. Aprende muito sobre essa época, assim como muitas hipóteses que ao final de contas não contribuem totalmente para a compreensão do texto. No fim se sente que em todo o excesso de palavras falta algo essencial: entrar no silêncio de Jesus, do qual nasce sua palavra. Se não podemos entrar nesse silêncio, sempre ouviremos a palavra somente em sua superfície e não a compreenderemos realmente”<sup>[15]</sup>.

### **Da mão de São Josemaria**

“Cada Santo constitui uma espécie de raio de luz que brota da Palavra de Deus”<sup>[16]</sup>. E na Obra, o Evangelho recebe uma luz especial dos ensinamentos e da experiência vital de São Josemaria. Como ele, entramos na vida de Jesus “como um personagem a mais”: somos José, Simeão, Natanael, Simão de Cirene, Maria Madalena... e sobretudo o próprio Cristo, filhos no Filho. Diz-se que, mesmo que se possa remediar a fome de uma pessoa dando-lhe o peixe, vale muito mais

ensinar-lhe a pescar. Do mesmo modo, São Josemaria não só deu seus comentários do texto sagrado, mas também nos ensinou a lê-lo: como uma criança, contemplando. Seus ensinamentos nos ajudam a aprofundar no Evangelho, e o próprio Evangelho nos faz compreender melhor o espírito que Deus lhe confiou, que é “velho como o Evangelho, e como Evangelho novo”<sup>[17]</sup>. Daí, por exemplo, que algumas aulas de formação cristã comecem com a leitura comentada do Evangelho, e que, nos Centros da Obra, a jornada termine com um simples e breve comentário do Evangelho do dia.

Já no ano de 1933, São Josemaria tinha sua lista de 112 textos do Novo Testamento com alguns comentários ocasionais muito breves. Tratava-se de um documento de oito páginas (do tamanho de meia folha) manuscritas que havia encabeçado com a inscrição: “Palavras do Novo Testamento, meditadas repetidas vezes”<sup>[18]</sup>. Talvez cada um terá, de um modo ou de outro, seu próprio elenco, escrito em papel, ou no fundo da alma: palavras ou gestos de Jesus, episódios ou diálogos que nos falam de um modo eloquente, que um dia lemos ou ouvimos com uma luz particular, sem que fosse necessário falar de um acontecimento extraordinário: pelo momento concreto, pelo ambiente de nossa alma, ou alguma circunstância... Talvez foram como uma resposta a algo que buscávamos, ou então nos surpreenderam, ou nos deram segurança. Nos confirmaram na fé, no caminho, no Amor, Nos faz muito bem nutrir essa leitura personalíssima do Evangelho, também ao compasso da liturgia: às vezes, um versículo do Novo Testamento nos servirá de meditação durante a jornada e será um meio de conservar a presença de Deus.

A Virgem Maria nos acompanha neste caminho para conhecer a Cristo e segui-lo de perto, como os primeiro Doze<sup>[19]</sup>: “Maria, Mulher da acção, faz com que as nossas mãos e os nossos pés se movam ‘apressadamente’ rumo aos outros, para levar a caridade e o amor do teu Filho Jesus, para levar ao mundo, como tu, a luz do Evangelho”<sup>[20]</sup>.

*Guillaume Derville*

\*\*\*

*Leituras para aprofundar*

Em [www.collationes.org](http://www.collationes.org) se pode consultar uma lista de títulos de divulgação para aprofundar em diferentes aspectos e livros da Sagrada Escritura.

---

<sup>[1]</sup> Concílio Vaticano II, Const. Dogm. *Dei Verbum* (18-XI-1965), 25.

<sup>[2]</sup> F. Ocáriz, Carta pastoral, 14-II-2017, 8.

<sup>[3]</sup> São Jerônimo, *Comentariorum in Isaiam*, Prólogo (PL 24, 17).

<sup>[4]</sup> F. Ocáriz, Carta pastoral, 5-IV-2017.

<sup>[5]</sup> Concílio Vaticano II, Decreto *Optatam Totius* (28-X-1965), 16.

[6] Francisco, *Angelus*, 5-III-2017.

[7] São Josemaria, *É Cristo que passa*, 122.

[8] São Josemaria, *Forja*, n. 754.

[9] São Gregório Magno, *Moralia in Job* 24,8,16: PL 76, 295.

[10] Cfr. Bento XVI, Ex. Ap. *Verbum Domini* (30-IX-2010), 12.

[11] Bento XVI, *Verbum Domini*, 48.

[12] Francisco, Homilia em Santa Marta, 11-V-2017.

[13] Francisco, Discurso, 4-X-2013.

[14] Francisco, Ex. Ap. *Evangelii Gaudium* (24-XI-2013), 153.

[15] Bento XVI, epílogo da segunda edição inglesa de R. Sarah, *La force du silence* (Fayard, 2016; Ignatius, 2017).

[16] Bento XVI, *Verbum Domini*, 48.

[17] São Josemaria, *Carta 9-I-1932*, 91 (citado em E. Burkhart – J. López, *Vida cotidiana y santidad en la enseñanza de San Josemaría*, Rialp, Madrid 2010, vol. I, p. 17).

[18] Cfr. Francisco Varo, São Josemaria Escrivá de Balaguer, “Palabras del Nuevo Testamento, repetidas veces meditadas. Junio – 1933”, em *Studia et Documenta* 1 (2007) 259-286.

[19] Cfr. San Josemaria, *Amigos de Deus*, 299.

[20] Francisco, *Oração a Maria*, 31-V-2013.

[Voltar ao índice](#)

[www.opusdei.org](http://www.opusdei.org)